



Círculos de Mulheres: cadência ritual e sentidos intersubjetivos

Círculos de mujeres: cadencia ritual y significados intersubjetivos

Tchella Fernandes Maso

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4453-6902>

Professora de Relações Internacionais na Universidade Federal de Roraima (UFRR),
Doutoranda em Estudos Feministas e de Gênero pela Universidade do País Basco
(UPV/EHU). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7936412265364646>. E-mail:
tchellamaso@gmail.com

Resumo

O objetivo do artigo é sistematizar parcela do trabalho de investigação doutoral em Círculos de Mulheres entre os anos de 2018 e 2022. Ancorada na antropologia feminista, a pergunta que acompanhou meu trabalho de campo foi: o que é um Círculo de Mulheres? Uma pergunta que segue aberta tamanha a heterogeneidade das experiências que se multiplicam no Brasil nas duas últimas décadas. Nesse texto minha intenção é caracterizar os Círculos a partir de duas dimensões: as intenções manifestas pelas participantes e a cadencia do ritual, frisando em este último aspecto pontos de convergência entre os Círculos que participei com o objetivo de criar um imaginário acerca dessas manifestações contemporâneas que atuam nos campos religioso, espiritual e secular.

Palavras-chave

Gênero. Feminismo. Espiritualidades.

Círculos de mujeres: cadencia ritual y significados intersubjetivos

Resumen

El objetivo de este artículo es sistematizar parte del trabajo de investigación doctoral en Círculos de Mujeres entre 2018 y 2022 en el Centro-Sur de Brasil. Anclada en la antropología feminista, la pregunta que acompañó mi trabajo de campo fue: ¿qué es un Círculo de Mujeres? Una pregunta que permanece abierta dada la heterogeneidad de las experiencias que se han multiplicado en Brasil en las últimas dos décadas. En este texto, mi intención es caracterizar los Círculos a partir de dos dimensiones: las intenciones expresadas por las participantes y la cadencia del ritual, destacando en este último aspecto puntos de convergencia entre los Círculos en los que participé con el objetivo de crear un imaginario sobre estas manifestaciones contemporáneas que actúan en los ámbitos religioso, espiritual y secular.

Palabras-clave

Género. Feminismo. Espiritualidades

TexTos e DebaTes, Boa Vista, vol.29, n.01, e7997, Jan./Jun. 2022.

DOI: <https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v29i01.7997>

<https://revista.ufrr.br/textosedebates/>

ISSN: 2317-1448



Este obra está licenciado com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

1. Introdução

Os Círculos são polissêmicos e heterogêneos, aproximando-se do que outrora Fátima Tavares caracterizou como “rede” da nova era para se referir ao dinamismo e à “multiplicidade de formas de interação” construídas a partir de uma identidade coletiva difusa (1999, p.126). Todavia, a mesma pesquisadora sugere a necessidade de quem pesquisa estes fenômenos não se perder na “fluidez do objeto” (idem, p.108). Com base nessa indicação apresento uma sistematização dos Círculos não com o objetivo de restringir o movimento, mas produzir algumas linhas de compreensão que permitem analisa-lo como uma manifestação social contemporânea.

Essa proposta acompanha a literatura recente que questiona, a partir das proposições de Talal Asad (2009, 2010), a categorização ocidental que separa secularismo e religião (FEDELE e KNIBBE, 2020). Como proponho em minha tese de doutorado (Maso, no prelo), os Círculos atuam no campo espiritual com o desejo de romper desigualdades de gênero, entrelaçando ativismo e religião. Como fenômeno contemporâneo, os Círculos se disseminam por meio da internet, ocupando espaços públicos e privados (CORNEJO-VALLE e GRIERA, 2022); performam uma identidade em constante construção (HERVIEU-LÉGER, 2008); acompanham o caráter emocional do capitalismo (ILLOUZ, 2007) e a perda de radicalidade do feminismo em alguns setores da sociedade (FRASER, 2019).

Nesse artigo defendo que, apesar do hibridismo de práticas e referências, é possível enunciar um sentido comum nos Círculos de Mulheres. Estes se projetam como uma ação entre mulheres e para mulheres a partir da constituição e uma visão positiva acerca do ser feminino, em oposição a uma visão hegemônica que o associa ao polo frágil e submisso. Isso é percebido nos motivos que as participantes mencionam para justificar sua atuação nesses grupos-eventos-encontros. Esse sentido comum é construído em uma cadência ritual que conjuga pessoalidade e coletividade, interesses individuais que se projetam rumo à transformação social. Mudanças na forma de viver e perceber-se como mulher que são percebidas como geradoras de câmbios em outras escalas. Seguindo essa argumentação, na introdução apresento o contexto da pesquisa, depois a cadência ritual dos Círculos, os depoimentos de algumas organizadoras de Círculos e as reflexões finais, que não desejam ser



conclusivas, mas precárias, incompletas e parciais como boa adapta do conhecimento situado que sou (HARAWAY, 1995).

A pesquisa que fundamenta esse artigo é orientada pela antropologia feminista (BULLEN, 2012; GREGÓRIO GIL 2014 e 2019). Esta se fundamenta epistemologicamente no conhecimento situado (HARAWAY, 1995), localizado no corpo¹ que se transforma em uma ferramenta metodológica central (ESTEBAN, 2013). Meu trabalho corporal de pesquisa aconteceu entre 2018 e 2022, período em que participei de forma presencial e *online* de Círculos de Mulheres no Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Goiás, São Paulo e Minas Gerais. Estas participações aconteciam mensalmente com uma recorrência que variou entre nove e onze meses, no caso das “Bençãos do Útero” estas acontecem em cinco datas anuais predefinidas que assisti durante o ano de 2020. Nesse processo também entrevistei por meio de perguntas semiestruturadas 26 participantes de diferentes Círculos², incluindo além dos já mencionados os estados da Bahia e da Paraíba. Além disso, no ano de 2020 organizei um questionário *online* do qual participaram aproximadamente 220 pessoas vinculadas direta ou indiretamente às redes que conheci pessoalmente durante a pesquisa.

Uma explicação sobre o campo no qual a pesquisa se realizou: nem todos os grupos que acompanhei se identificam a partir da etiqueta “sagrado feminino” e algumas não percebem esta como sinônima de “espiritualidade feminina”. No meu trabalho de campo, o sentido de “sagrado feminino” não é sinônimo de Círculos de Mulheres, ainda que ambas as concepções se encontrem em muitos espaços. Acompanhei o que nomeio como quatro tipos de Círculos: os que se identificam como “sagrados”, que são definidos a partir do resgate e fortalecimento da espiritualidade feminina ou da(s) deusa(s); aqueles que se afastam dessa definição e se identificam como “profanos” com vistas a se distanciarem da etiqueta religião; os que reconhecem a existência de “energias”, “entidades” ou do divino, se dirigem a estes planos ou seres, mas não necessariamente “trabalham” com a espiritualidade feminina ou da deusa; e aqueles que fazem uso de “símbolos”, incluindo altares ou outros artefatos

¹ Adoto a perspectiva do corpo como um lugar em constante ocupação e significação, efeito de relações de poder e agências múltiplas. Para uma análise das teorias sociais do corpo ver Esteban (2013); como as manejo em meu trabalho ver: Maso (2023).

² Algumas das entrevistadas aparecem nesse artigo com pseudônimos a fim de manter a confidencialidade das informações fornecidas. Todas aceitaram que utilizasse seus depoimentos na tese e considero esse artigo um desdobramento da pesquisa doutoral, por isso os utilizo aqui. Em momento oportuno este será avaliado pelas participantes da pesquisa.



construídos a partir de referências da psicologia junguiana, mas sem adotar termos como “sagrado” ou “espiritual”. Cada um desses tipos de Círculos pode utilizar diferentes tecnologias. Entre as citadas pelas participantes da pesquisa: conversa, leitura de um livro, contação de histórias, dança, canto, uso de ervas e flores, reunião de bordadeiras, costureiras ou outras técnicas manuais e/ou artesanais.

O perfil das pessoas participantes da pesquisa é: mulheres cisgênero, que ganham igual ou acima da média salarial brasileira, com cursos de graduação completos e/ou pós-graduação. Elas se identificam como brancas e pardas e a maioria é profissional liberal, sem carteira assinada e atua no setor de serviços em atividades de cuidado, principalmente no campo holístico e místico de terapias, as quais se identificam em termos religiosos como “espiritualistas”, ainda que algumas sejam cristãs ou pertencentes a religiões afro-brasileiras. As participantes da pesquisa, citadas nesse artigo, possuem entre 20 e 70 anos, e são habitantes de cidades entre 7 mil e 12 milhões de habitantes. Além disso, dizem transitar entre relacionamentos homo e heteroafetivos.

Além do contato direto com Círculos e suas participantes, em sua maioria da região Centro-Sul do Brasil, são importantes para a pesquisa as referências bibliográficas de autoras vinculadas a um movimento transnacional de Círculos de Mulheres³. Entre as pessoas internacionalmente conhecidas está Jean Shinoda Bolen com seus livros "O Novo Movimento Global de Mulheres: Construindo Círculos para Transformar o Mundo" (2014) e "O Milionésimo Círculo: Como Transformar a Nós Mesmas e o Mundo" (2013). No Brasil, Mirella Faur com seu livro "Círculos Sagrados para mulheres contemporâneas" (2011) é uma das mais citadas pelas participantes. Vale mencionar que nas rodas, Clarice Pinkola Estes é outra autora reconhecida, em particular seu livro “Mulheres que Correm com os Lobos” é utilizado como instrumento de reflexão.

2. Cadência Ritual

³ Um exemplo é dessa atuação transnacional é o “Encontro Mundial de Círculos de Mulheres”, organizado por Soraya Mariani desde 2014, cujo objetivo é reunir mulheres que fazem parte do movimento e aprofundar discussões sobre o ser feminino e o aperfeiçoamento pessoal.



Nesse tópico apresento os Círculos como uma dança ou uma composição musical para na sequência compartilhar os sentidos atribuídos pelas participantes a tais práticas. Destaco quatro movimentos: a chegada, a abertura do Círculo, as atividades em torno de um centro e o encerramento.

O momento da chegada, em que as mulheres se encontram no mesmo ambiente à hora marcada, é o primeiro verso da composição. A presença da mulher, respondendo a um convite, é fundamental para a existência do Círculo. A mulher aceita um chamado e sua presença pessoal é uma contribuição para a continuidade do Círculo (Faur, 2013). Isso envolve um “trabalho interno”, trabalho no sentido analisado por Sonia Maluf: um esforço para superar o desconforto (2005, p.501).

Para algumas convidadas, a identificação com a proposta do Círculo é imediata; sentem-se guiados por uma força interna ou extraordinária que os orienta a viver a experiência. Relatam uma sensação de “sincronicidade” envolvendo um plano pessoal de desejo ou necessidade e as condições externas para sua realização. Para outros é mais difícil aceitar o convite, não só na primeira vez que vão ao Círculo, mas em cada novo encontro. Dizem que têm de lidar com os seus medos e preconceitos sobre o que imaginam que os Círculos sejam. Isso envolve sonhos com bruxas e efeitos sobrenaturais que podem aniquilar suas vidas. Dizem também que, em determinado momento, desconfiam desses espaços, seja por perda de identificação ou por conflitos com outros participantes.

Para as organizadoras, só há Círculos quando as mulheres aceitam o convite e estão focadas na proposta. Uma das queixas é a falta de compromisso das participantes, seja com a presença no Círculo, seja com a ajuda nas tarefas envolvidas na sua realização, como o custeio de materiais dos rituais. As facilitadoras afirmam que uma das dificuldades é a sustentabilidade do Círculo; por vezes, os grupos começam com muitas mulheres, mas a ausência de um vínculo regular leva ao seu encerramento⁴.

Algumas organizadoras enfatizam que participar de um Círculo envolve conflitos, da mulher consigo mesma, com seu ambiente e com as outras participantes. Por isso, a presença de cada mulher no encontro tem um tom de superação, um poderoso sentido de renovação do compromisso de viver

⁴ Os Círculos, nesse sentido, são afetados pela fluidez dos vínculos e a o trânsito religioso que caracterizam as espiritualidades contemporâneas (Amaral, 1999).



a experiência circular. Ouvi em uma experiência de campo que é “a energia de cada mulher” que sustenta o Círculo, se uma não puder estar presente, física ou intencionalmente, ele perde a força. Ou seja, mesmo que a participação seja voluntária, as facilitadoras do Círculo incentivam a presença contínua. Nos Círculos com organização partilhada ou onde não há uma figura de uma coordenadora, há inclusive chamadas periódicas para que as mulheres que não estão presentes confirmem sua desvinculação a fim de facilitar as trocas entre as que se interessam em continuar a atividade.

Isso se justifica a partir de Faur para quem "cada mulher representa um elo da corrente", que, se rompido, "permite a dissolução do campo energético, a redução da coesão do grupo" (2011, p.79). O campo energético formado pela soma das mulheres é definido em alguns Círculos como “egrégora”, um todo composto pela “vibração” de suas participantes, que forma uma “entidade espiritual” própria, a qual muitas mulheres se referem por meio de cantos e orações - em alguns Círculos é utilizada a expressão “rezo”.

O primeiro verso, a presença, é central para a constituição dos Círculos, sem participantes ele não existe. Isso toca a dimensão de agência em detrimento da conversão religiosa (FEDELE e KNIBBE, 2013). Há uma decisão que precisa ser continuamente reiterada e manifesta, não é uma adesão geracional, consanguínea ou parental. Trata-se de uma motivação, desejo e transformação e construção e referências corporais e espirituais alternativas a determinado sistema de gênero. Ou uma negociação de valores e práticas construídos intersubjetivamente, que não são estáveis, mas precisam ser cotidianamente confirmadas, como analisa Miriam Cristina Rabelo sobre “serviços de cura” (1993).

Quando as convidadas se reúnem, acontece o segundo movimento: a abertura do Círculo. Elas sentam-se em forma de círculo, umas perto das outras. As facilitadoras ou as mulheres convidadas para esse fim iniciam o Círculo. A sua abertura é um momento bem marcado, que faz lembrar a ação de entrar num portal. Ouve-se o som de um instrumento, como o agudo de uma pequena campainha ou o batuque seco e grave de um tambor. Uma voz suave, mas forte, sublinha a intenção do Círculo. Este é o marco de uma mudança, a saída de um tempo e espaço comuns para a entrada num tempo e espaço especiais.



Segundo Mariza Peirano, o ritual "é um fenómeno especial da sociedade, que nos aponta e revela representações e valores de uma sociedade, mas o ritual amplifica, ilumina e destaca o que já é comum a um determinado grupo" (2003, p.8). Neste sentido, os Círculos têm o potencial de sublinhar que a história das mulheres é intersectada por regimes de poder que normalizam e subjugam os corpos (NAVARRO-SWAIN, 2006), embora as posições de classe e raça nem sempre sejam tão evidentes como as posições de gênero nos Círculos.

A abertura do Círculo muda conforme o tipo de proposta que está sendo feita, em comum há o desejo por construir um "espaço seguro" no qual as participantes se sintam à vontade e respeitadas. Entre as possibilidades de abertura está a invocação das sete direções, alguns Círculos fazem apenas as quatro direções e os significados atribuídos a cada uma delas mudam. Em alguns Círculos a abertura é mais rápida, pode ser um minuto de silêncio ou a apresentação das mulheres participantes. Em outros, é feita uma respiração, uma oração ou um convite às mulheres para "mergulhar no encontro consigo mesmas".

O terceiro e mais longo movimento do ritual é o das atividades em torno de um centro. Em comum, todos têm um centro e a intenção de promover um encontro de mulheres que proporcione autoconhecimento e mudança pessoal e/ou coletiva. O autoconhecimento é o já descrito caminho da autorreflexão e, para algumas delas, encontrar a deusa que a habita: saber o que a alegra e o que a incomoda, relembrar traumas, perceber seus vícios ou práticas que não contribuem para seu bem-estar - como o ciúme ou a inveja em relação a outras mulheres. Há a percepção, entre algumas participantes, de que as mulheres foram ensinadas a não cooperar umas com as outras e que esse é um padrão que precisa ser superado.

De acordo com Bolen, os Círculos passam por um processo de "centramento", no qual a intenção do evento e do grupo é reafirmada. Para a autora, o que torna um Círculo sagrado é o seu centro: "o centro invisível como fonte de energia, compaixão e sabedoria" (2003, p.53). E isto é mais do que um espaço bem definido na parte central do Círculo, significa a ligação emocional-espiritual entre as participantes. Para Patrícia Fox, "o coração do Círculo é o seu centro: Como pode haver uma relação de interdependência sem um coração comum?" (PICCHIA; BALIEIRO, 2019, p.84).



Há uma infinidade de atividades possíveis após a abertura do Círculo: danças, meditações, contação de histórias, uso de oráculos, conversas orientadas por um tema, conversas livres, leituras compartilhadas e assim por diante. É importante para as participantes, no sentido de preservar a intimidade, que as atividades não sejam interrompidas por nada ou ninguém fora do Círculo. Pedese, inclusive, que as mulheres não saiam durante as atividades. Mesmo que o Círculo seja realizado na casa de uma das participantes, a anfitriã deve garantir que nada perturbe o espaço-tempo do Círculo, para que a dança possa fluir. Esta é entendida como um movimento espontâneo ou natural, que, segundo as participantes, segue um impulso interior e particular de cada mulher, ressoa nas outras mulheres e cria um coro. A criatividade é estimulada. Há uma percepção de que as mulheres na sociedade são muitas vezes inibidas e, por isso, realizam danças, artes manuais e cantam para ativar o corpo em sua sensibilidade, sexualidade e sensorialidade.

No último suspiro da cena, após o término do tempo previamente combinado ou das atividades programadas, a(s) facilitadora(s) tomam a palavra e encerram o Círculo. Segundo Katxureu, esse momento significa um fechamento “do portal” e tem o potencial de convidar as mulheres “a fecharem as portas que foram abertas no processo” de troca estimulado pelas atividades, como uma forma de se aprofundarem em suas emoções e depois “voltarem” para o ritmo habitual de suas vidas (entrevista pessoal, fevereiro de 2020, Goiás). Ela insiste que cada mulher pode “fechar a sua porta”, este é um ato pessoal: as outras podem dar apoio, uma massagem com as mãos, por exemplo, mas cada uma tem poder sobre a sua vida.

O encerramento do Círculo responde ao que foi entoado na abertura, pode ser uma oração, um agradecimento às sete direções ou um convite para as mulheres mudarem a sua postura física. Elas podem ficar de pé na sala, dar as mãos, fechar os olhos, visualizar o centro do Círculo, conectar-se com “a energia do Círculo”, “nutrir-se dela” e abrir os olhos novamente. Isto marca o fim do tempo-espaço especial e as mulheres regressam às suas tarefas diárias, muitas delas marcadas pelas experiências vividas.

3. Sentidos atribuídos aos Círculos de Mulheres



A partir do meu trabalho de campo, destaco três dimensões do significado de criar, manter e participar de Círculos de Mulheres. Uma delas diz respeito à mudança pessoal, à busca de autoconhecimento e de apoio. A segunda faceta explora o poder derivado da junção de mulheres. O terceiro aspecto fala de uma iniciativa para transformar o mundo e superar as desigualdades de gênero. Cada participante modula essas dimensões de acordo com seu repertório pessoal, histórico e contextual.

Em geral, as organizadoras relatam que iniciaram um Círculo motivadas pelo desejo de estar entre mulheres e por acreditar no poder transformador do evento. De acordo com Beatriz del Picchia e Cristina Balieiro, facilitadoras e estudiosas dos Círculos, "todos [os Círculos] têm como objetivo sensibilizar e empoderar as mulheres" (2019, p.75). Em geral, a facilitadora tem uma experiência que muda sua perspectiva e sua forma de estar no mundo, e quer compartilhar isso com outras mulheres.

Este é o caso de Urihi que, aos trinta e poucos anos, participou de um grupo de mulheres no exterior. Ao regressar ao Brasil decidiu organizar o seu próprio Círculo. Ela explica:

(..)Adorei participar de um grupo do Sagrado Feminino, saíamos pela floresta em busca de cachoeiras, caminhávamos e escalávamos nuas. Elas tinham um reconhecimento de ser mulher que para mim veio num ritual específico, quando eu estava grávida (...) quando voltei para o Brasil fiquei muito preocupada: "e agora? o Círculo do Sagrado Feminino não existe mais, o que vou fazer da minha vida sem esses encontros? Eu me desesperava porque eram nesses momentos que eu me alimentava e compartilhava muitas das minhas dúvidas. Eu tinha tanto apoio como mulher, como mãe, como esposa, como ser... era incrível. Depois disse "ah, vou convidar alguns amigos para criar um círculo". Mas tinha uma coisa de beber um vinho, de fazer uma coisa que não era o Círculo do Sagrado Feminino, sabe?! Não é uma conversa entre mulheres, é uma cura coletiva...O círculo é uma cura coletiva, é essa a intenção (entrevista pessoal, março de 2018, Mato Grosso do Sul).

O caso de Urihi, que passou por um processo que nomeia como “cura” e “reencontro consigo mesma” é semelhante ao de outras mulheres entrevistadas. Capei contou que, aos quarenta anos, teve uma experiência avassaladora com a descoberta do livro "Mulheres que correm com os lobos" (2014) e, depois disso, organizou com sua filha e outras pessoas, em 2001, o seu primeiro grupo de leitura partilhada. Ela conta sobre sua descoberta:

É como se eu tivesse licença total para exercer o feminino como uma arma para estar no mundo, então foi avassalador, porque eu não ia ser um agente para transformar o mundo, eu ia transformar o meu ser no mundo e era através do feminino (...) Quando você conhece o seu feminino a fundo, você pode escolher melhor a sua profissão, você pode escolher o tipo de família que você vai constituir, porque o modelo não está pronto, você não tem que casar



com o cara que é pelo menos dois anos mais velho que você. (entrevista pessoal, outubro de 2019, Rio de Janeiro).

Capei, uma mulher de setenta e poucos anos, viveu uma experiência de “aperfeiçoamento de si” própria das manifestações da espiritualidade contemporânea (STEIL e TONIOL, 2011). A autodescoberta de Capei alterou suas práticas, ela buscou relacionamentos que eram menos normalizados, aposentou-se como secretária de uma grande empresa e passou a coordenar Círculos, tarefa para a qual fez formações específicas como em arteterapia e psicologia junguiana. Capei disse ter testemunhado muitos esforços das participantes em transformar suas vidas: a mulher que vendeu o apartamento para viajar, a outra que queria engravidar e conseguiu ao fim de 3 anos são alguns exemplos do tipo de transformação manejada nos Círculos, próprios da classe média brasileira urbana e com escolaridade além da média nacional.

Mani, com vinte e poucos anos, participou dos Círculos organizados por Capei durante cinco anos. Depois de terminar a leitura do livro de Estes, começou o seu próprio Círculo:

Estávamos a chegar ao fim e me angustiava, eu dizia "como é que isto vai acabar? Como é que vou ficar sem isto?". Ao mesmo tempo, reparei que havia muitas amigas à minha volta, mais novas e sofrendo. Depois disse: acho que vou criar um Círculo que seja acessível e que possa se comunicar com estas mulheres. (entrevista pessoal, outubro de 2019, Rio de Janeiro).

As três entrevistas selecionadas relatam o impulso das mulheres para organizarem Círculos como forma de partilharem algo que mudou as suas vidas. Assim, a existência do Círculo é também uma forma de dar continuidade às suas experiências, designadas por Urihi como “cura”. Todavia este esforço não possui um sentido altruísta ou de serviço. Mani explica que organiza Círculos de forma “não isenta”: “um processo de integração, que me ajuda e me mantém neste caminho, portanto é um trabalho que me serve e acaba por ser partilhado e servir outras mulheres.” (entrevista pessoal, outubro de 2019, Rio de Janeiro).

Além de uma atitude auto interessada, o ato de reunir mulheres em Círculos é também uma tentativa de apoiar outras mulheres em suas trajetórias, na perspectiva de que juntas elas são mais “fortes” e “inteiras”. Nesse sentido, o Círculo tem uma existência para além das mulheres que dele fazem parte. Há uma percepção de que o ato de estarem juntas promove a mudança: não é a facilitadora que tem o poder de mudar, mas a congregação de mulheres. Acreditam que este fato tem, tal como salienta o discurso de Kianumaka, o potencial de promover a “totalidade”, a “integridade”



e a “plenitude” entre as mulheres. Em suas palavras, os Círculos são “um grupo de lobas que se protegem mutuamente” (entrevista pessoal, fevereiro de 2020, Bahia). Ela criou um Círculo para se sentir menos solitária e para fazer rituais que considerava importantes. Hoje, considera os encontros uma “medicina” que precisa ser partilhada. Segundo ela, uma mulher é uma árvore sozinha e o Círculo é o reencontro com a floresta:

Se a gente for uma árvore sozinha, a gente fica sem vida, a sensação de estar num vaso, (...) e você não consegue se sustentar e não tem problema não se sustentar porque a gente não trabalha sozinha, a gente é um ser social e a mulher trabalha em grupo. (entrevista pessoal, fevereiro de 2020, Bahia).

Nessa perspectiva, mulheres reunidas são um remédio para promover o bem-estar individual e coletivo. A metáfora do vaso traz a dimensão de uma liberdade que só é alcançada em grupo, como se o vaso representasse uma prisão ou encapsulamento que pode ser interpretada como as normas de gênero, e a árvore na floresta seria aquela que não está restrita, que pode expandir suas raízes de modo autônomo e coordenado. A este processo dinâmico se associa a compreensão de um “feminino curado” como aquele que não é submetido, mas potente.

Segundo Patrícia Fox; “somos as netas das bruxas que não foram mortas, somos as netas das avós que foram adormecidas ou afastadas de si mesmas, mas a sua essência selvagem sobreviveu” (In Picchia; Balieiro, 2019, p.29). Para Kupeirup,

quando você descobre que você está reproduzindo um padrão e que você pode ser diferente, isso já gera uma revolução, às vezes uma revolução silenciosa, que essa pessoa começa a passar por um processo terapêutico, descobre que o trabalho dela não é tão bom e aí faz uma transição profissional, descobre que o relacionamento dela não era tão bom quanto ela imaginava, procura ajuda ou vai para o movimento, digamos, mais na frente política. (entrevista pessoal, outubro de 2019, São Paulo).

Para Icambiabá, o Círculo é “revolucionário” na sua possibilidade de apoiar e desconstruir a loucura entre as mulheres: “como psicóloga (...) eu lembro que grande parte do trabalho com as mulheres sempre foi validar o sofrimento delas.” (entrevista pessoal, maio de 2020, Mato Grosso do Sul).

Nesse sentido, a reunião de mulheres para “curar o feminino” não é apenas um espaço de convívio entre amigas, para tomar um bom vinho, nas palavras de Urihi citada anteriormente. Aparece com frequência a ideia de que é preciso “abraçar seu aspecto sombra”, algo que é explicado por Amy



Sophia Marashinsky, autora do "Oráculo da Deusa", uma referência e prática em alguns Círculos de Mulheres:

Precisas de todos os aspectos de ti própria que os teus pais, os teus cuidadores, os teus professores e a sociedade consideraram inaceitáveis para alcançares a realização na tua vida. Quer seja o teu talento, a tua beleza, o teu vampiro interior, a tua raiva, a tua loucura, tens de te render à viagem e abraçar o teu lado sombra (2007, p.102).

Outra entrevistada, Yushã Kuru, diz que os Círculos não são apenas algo agradável ou fácil de participar, mas têm o potencial de acessar as partes "rejeitadas":

Penso que estamos a chegar neste momento à compreensão de que estamos aqui para acolher o que não é belo, luminoso, mágico, para acolher o que é pesado, o que é difícil, o que é difícil para cada uma de nós ver em si própria. Faz parte de toda uma história de rejeição, abandono, traição, humilhação, agressão, tudo isso. (entrevista pessoal, fevereiro de 2020, Goiás).

Nesses sentidos, os Círculos são um espaço no qual denúncias de violências vem à tona, são nomeadas e compartilhadas. Em geral, as violências de gênero são as mais comunicadas, já que nos Círculos que acompanhei as desigualdades raciais e vinculadas a corpos travestis e transgêneros eram pouco visibilizadas. Escutei relatos de pai abusadores, traições conjugais, estupros, assédios e sobre formas de manipulação emocional entre homens e mulheres. Nesses casos, as participantes contavam suas histórias e eram acolhidas pelas demais, que tinham histórias semelhantes ou se mostravam empáticas⁵, por meio de palavras, abraços ou olhares.

Um aspeto importante nesses processos de contato com aspectos doloridos vivenciados pelas participantes é o tempo, este gera proximidade entre as participantes e acolhimento. De acordo com Bolen:

com o tempo, cada mulher testemunha a vida das outras e começamos a saber o que é verdadeiramente importante e a natureza da jornada pessoal de cada mulher. Sentimos a sua dor, celebramos a sua alegria e acompanhamo-la de perto e, por vezes, temos uma ideia e fazemos uma sugestão de igual para igual, o que não tem conotações nem de terapia nem de infantilismo (2003, p.49).

Bolen enfatiza que os Círculos não são um grupo de terapia. Para ela, os Círculos têm o potencial de trazer a cura, mas não para todas as questões, ela menciona que alcoolismo, depressão

⁵ A palavra empática é usada para caracterizar uma situação em que as participantes não invalidavam as denúncias umas das outras, mas, sim, reforçavam que era uma situação que exige mudanças pessoais e sociais.



ou outros problemas emocionais e físicos exigem um cuidado específico. Faur, por sua vez, reforça que os Círculos não são terapia ou aconselhamento: "as curas que ocorrem são espontâneas e atuam a níveis sutis (...)" (2013, p.85).

As pesquisadoras Maluf (2005) e Tavares (1999; 2012) retratam as vinculações entre terapia - não cientificamente comprovada ou estudada, como a derivada da medicina e da psicologia - e as espiritualidades contemporâneas. Não é à toa que Kianumaka, citada anteriormente, trata os Círculos como "medicina", ou seja, capazes de gerar bem-estar e saúde entre as participantes. Nessa percepção a saúde é relacionada com o desejo de autonomia, com o modo de ocupar o corpo e o meio, ambiente e social. Uma das participantes escreveu:

os Círculos atuam facilitando um olhar honesto e amoroso sobre mim mesma, permitindo-me fazer as mudanças necessárias para uma vida que se transforma em algo mais saudável porque [nos Círculos] me acolhem tal como sou, porque os processos de outras mulheres favorecem o meu amadurecimento emocional. (resposta ao questionário, 2020)

Embora os Círculos não sejam formalmente um grupo de terapia, muitas mulheres reconhecem o seu papel terapêutico. Mãe de Barro, Kupeirup e Jaci, todas psicólogas e organizadoras de Círculos, concordam sobre o efeito curativo desses espaços-tempos. Yebá Beló relata o apoio que recebeu ao estar entre mulheres quando decidiu deixar de viver com o pai de seu filho de um ano. Para ela, o Círculo é um espaço de acolhimento:

Não é uma terapia e não é um culto espiritual, é uma troca entre mulheres (...) É uma troca entre mulheres, é como se fosse a sua tia, a sua irmã mais velha, a sua mãe, a sua avó, dizendo "ah, não tenha medo assim..." (...) E o interessante é que você faz isso porque como é em grupo, você pega várias ideias que deram certo, se todo mundo usou uma, você tem a possibilidade de usar dez (...). Eu acho que isso é ótimo nos círculos, esse resgate tribal porque a vida da mulher não tem que ser necessariamente difícil, não tem que ser pesada, o fato da gente estar sozinha, isolada, cada uma com seus problemas, com suas contas, com seus afazeres, com suas neuroses, é que torna a vida pesada, no momento que a gente senta e faz circular essa energia feminina, as coisas fluem. (entrevista pessoal, fevereiro de 2020, Rio de Janeiro).

Mas a experiência de Yebá Beló não foi igual à de Nete bekü. Ela também vivenciou a separação conjugal quando o filho do casal era pequeno, mas não se sentiu acolhida em seu Círculo, confirmando as perspectivas de Bolen e Faur sobre os limites dos Círculos como espaços terapêuticos. Nete bekü recorda:



o que eu percebi é que não havia ali uma estrutura de pessoas, da matriarca e tudo o mais, para poder acolher aquilo com empatia e eu vejo que isto é uma coisa mais estrutural, sabe? não vejo como uma coisa pessoal, mas vejo que nós, como estrutura de mulheres, ainda não conseguimos.... (...) empatizar com os outros sem julgar (...) É um lugar que me incomoda muito, nesses círculos que trazem o aspeto do sagrado, é achar que se você traz sentimentos que são considerados negativos, como raiva, tristeza, você está se entregando, e não vendo isso como um lugar legítimo de manifestar alguma coisa dentro de um contexto (...) Se a pessoa vive uma situação muito grave e não a sente, diz 'ah, é um processo', eu posso entender como um processo de aprendizagem, que é para melhorar o meu caminho(...) mas não sentir dor, isso é muito estranho para mim. (entrevista pessoal, março de 2020, Goiás).

A justaposição das duas experiências aponta para o fato de que, embora as participantes dos Círculos salientem o seu papel terapêutico, de apoio e acolhimento, este não é percebido por todas as mulheres. Nem todas encontram o que desejam nesses espaços, não se sentem identificadas e vão embora. Tupana diz, por exemplo, que muitos Círculos centram as suas práticas no útero e na menstruação, questões que não são inclusivas do ponto de vista das mulheres sem útero, das mulheres na menopausa ou das mulheres submetidas a cirurgias como a histerectomia. Ceiuci conta que aprendeu muito nos Círculos, sobre seu corpo, a reconexão com seu sangue, mas se afastou em busca de espaços com mais debate político e uma clara intenção de mudança social. Katxureu fala sobre como a noção de Sagrado Feminino não contempla o corpo da mulher negra e como é um grande desafio conviver nesses espaços com um corpo negro.

Logo, ainda que existam sentidos comuns e sobrepostos atribuídos aos Círculos de Mulheres, estes não são fixos ou unívocos. A participação, ou melhor, quem participa dos Círculos a primeira cadência ritual é central na articulação de quais são as práticas realizadas em torno de um centro. Algumas querem mais debate político, outras mais acolhimento, algumas se encontram, outras se despedem e de distanciam dos espaços circulares por não perceberem a efetivação do espaço “seguro” que tanto desejam.

4. Reflexões (considerações finais)

Quando iniciei a pesquisa comecei a ouvir a expressão “espiritualidade feminina” e está se repetiu em outros contextos. Isso me levou a perguntar ao conjunto das entrevistadas como elas a definiam e se percebiam uma relação entre “espiritualidade feminina”, “sagrado feminino” e Círculos de Mulheres. As respostas foram as mais variadas: algumas não gostavam de caracterizar a



“espiritualidade” como feminina, outras criticavam a banalização da expressão “sagrado feminino”, enquanto outras percebiam um sentido e uma prática envolvidas a ambas as expressões.

Esta variedade assinala o papel determinante que cada participante confere aos Círculos. A trajetória, principalmente da fundadora/organizadora, é o que caracteriza um Círculo e como ele atua. Ainda que grande parte das participantes perceba nos Círculos um espaço de cuidado e de construção de um sentido positivo para o ser feminino, as formas de realizar estas intenções são múltiplas. Ainda assim, realizei um esforço de compilação a fim de marcar alguns momentos comuns a todos os Círculos que assisti. Isto para demarcar que estes são parte de um processo de secularização de rituais religiosos, como a oração, e sacralização de demandas seculares, como a superação das desigualdades de gênero. Ainda que contemporâneos, os Círculos possuem especificidades tanto em relação a outros movimentos de mulheres, quanto ao campo religioso-espiritual definido como nova era, já que as demandas pessoais são coladas à percepção identitária e política de ser mulher e associadas à ideia de uma reunião com poder de transformar a ordem social.

A partir de alguns depoimentos do último tópico, analiso que, mesmo que os Círculos sejam identificados como uma “sinergia de mulheres”, eles são atravessados pelas estruturas de poder do ambiente do qual fazem parte. Há uma clara tentativa na busca da irmandade e do reconhecimento da diversidade de mulheres e expressões do feminino, mas os Círculos também reproduzem lugares de poder e legitimidade em termos raciais, de classe e performance corporal. Em diálogo com Yushã kuru, que fala sobre o potencial dos Círculos para acolher, inclusive, preconceitos, acredito que esse é um debate que deve ser revigorado, no sentido de reconhecer quem são as mulheres que não estão nos Círculos, por que e quais as consequências políticas disso.

Em termos de pesquisa, me parece promissor investir em mais pesquisas etnográficas capazes de lidar com as particularidades, investindo na percepção dos Círculos como um fenômeno social contemporâneo que interessa determinados setores sociais. Ou seja, pesquisas que interagem reflexivamente as esferas local e global e não se limitam a definições teóricas provenientes de uma literatura estrangeira. Além disso, me parece que o fenômeno dos Círculos nas redes sociais, como *Instagram* e *Facebook*, algo que não dimensionei na minha pesquisa, não deve criar generalidades que escondem as especificidades de cada Círculo, principalmente daqueles situados em cidades



menores e com características próprias. É o caso, por exemplo, da cidade de Boa Vista-Roraima, que quando participei de um Círculo tive contato com participantes migrantes e refugiadas, além de mulheres indígenas. Com esta breve menção, reforço que, junto com as trajetórias das participantes, é interessante estudar os Círculos também desde as territorialidades e de experiências marginais.

Quanto à pergunta o que é um Círculo de Mulheres, espero ter construído uma imagem, ainda que provisória, desse encontro em roda de pessoas que desejam transpor relações de gênero que subjagam o feminino. Elas o fazem por meio da invocação de uma divindade no feminino, construindo-a como algo que atravessa pessoa e coletivo, capas de gerar formas de relacionamento mais gentis com as participantes e seus entornos.

Referências Bibliográficas

ASAD T. A construção da religião como uma categoria antropológica. **Cadernos de Campo**, 19, 263–284, 2010.

ASAD, T. Free Speech, Blasphemy, and Secular Criticism. In T. Asad, W. Brown, J. Butler, & S. Mahmood (Eds.), **Is Critique Secular? Blasphemy, Injury, and Free Speech** (pp. 20–63). The Townsend for the Humanities, 2009.

BALIEIRO, C., & del Picchia, B. **Círculos de mulheres: As novas irmandades**. Ágora, 2019.

BOLEN, J. S. **O Milionésimo Círculo: como transformar a nós mesmas e ao mundo**. TRIOM, 2003.

BULLEN, M. Antropología feminista, antropología aplicada: Encuentros y desencuentros. **Revista de Antropología Experimental**, 12, p. 91–102. 2012. <http://revista.ujaen.es/rae>

CORNEJO-VALLE, M. e GRIERA, M. Moral projects and new religious subjectivities in the public space. Introduction. **International Journal on Collective Identity Research**, 1–12, 2022.

ESTEBAN, M. L. **Antropología del cuerpo: género, itinerarios corporales, identidad y cambio**. Edicions bellaterra, 2013.

ESTÉS, C. P. **Mulheres que Correm com os Lobos**. Rio de Janeiro, 1994.



FEDELE, A., & KNIBBE, K. E. Secular Societies, Spiritual Selves? The Gendered Triangle of Religion, Secularity and Spirituality. In A. Fedele & K. E. Knibbe (Eds.), **Secular Societies, Spiritual Selves?**, 2020. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780429456923>

FAUR, M. **Círculos sagrados para mulheres contemporâneas**. Pensamento, 2011.

FRASES, Nancy. Feminismo, capitalismo e a astúcia da história. In H. Buarque de Hollanda (Ed.), **Pensamento Feminista: Conceitos fundamentais** (pp. 25–48). Bazar do tempo, 2019.

GREGORIO GIL, C. Traspasando las fronteras dentro-fuera: Reflexiones desde una etnografía feminista. **AIBR Revista de Antropología Iberoamericana**, 9(3), 297–322, 2014. <https://doi.org/10.11156/aibr.090305>

GREGORIO GIL, C. Explorar posibilidades y potencialidades de una etnografía feminista. **Disparidades. Revista de Antropología**, 74(1), 002, 2019. <https://doi.org/10.3989/dra.2019.01.002.01>

HARAWAY D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, 5, 07–41, 1995.

HERVIEU-LÉGER, D. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Vozes, 2008.

ILLOUZ, E. **Intimidades congeladas: Las emociones en el capitalismo** (1st ed.). Katz Editores, 2007.

MALUF, S. W. Mitos coletivos, narrativas pessoais: cura ritual, trabalho terapêutico e emergência do sujeito nas culturas da “Nova Era.” **Mana**, 11(2), 499–528, 2005 <https://doi.org/10.1590/s0104-93132005000200007>

MARASHINSKY, A. S. **O oráculo da Deusa: um novo método de adivinhação**. Pensamento, 2007.

MASO, Tchella. Caldero de los Deseos: cuerpo y cambio en Círculos de Mujeres en Brasil. **Tesis** Doctorado em Estudos Feministas y de Género – Departamento de Filosofía y Antropología Social, Universidad del País Vasco, p.420, no prelo, 2024.

_____, Tchella. Política dos afetos: Corpos (in)disciplinados em perspectiva feminista. In: Monte, Débora Silva do; Silva, Liana Amin Lima da; Held, Thaisa Maria Rodrigues; Guimarães, Verônica Maria Bezerra. **Direitos e Fronteiras Planetárias: feminismos emergentes**. Curitiba: APPRIS, p.350-367, 2023



NAVARO-SWAIN, Tânia. A desconstrução das evidências: perspectivas feministas e foucaultianas. In: ALVAREZ, M.C; MISKOLCI, R; SCAVONE (Org.). **O legado de Foucault**. São Paulo: UNESPE, p. 116-137, 2006.

PEIRANO, M. (2003). **Rituais Ontem e Hoje**. Zahar.

RABELO, M. C. Religião e Cura: Algumas Reflexões Sobre a Experiência Religiosa das Classes Populares Urbanas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 9 (3): 316-325, jul/sep, 1993.

STEIL, A., & TONIOL, R. Ecologia, Corpo e Espiritualidade: uma etnografia das experiências de caminhada ecológica em um grupo de ecoturistas. **Caderno CRH**, 24(61), 29–49, 2011. <https://doi.org/https://doi.org/10.1590/S0103-49792011000100003>

TAVARES, F. Holismo terapêutico no âmbito do movimento: Nova Era no Rio de Janeiro. In M. J. Carozzi (Ed.), **A nova era do Mercosul** (pp. 106–126). Vozes, 1999.

TAVARES, F. **Alquimistas da Cura: a rede terapêutica alternativa em contextos urbanos**. Edufba, 2012.

Artigo submetido em 22/04/2023, aceito em 28/05/2023 e publicado em 10/06/2023.

